

Contextualizando conhecimentos e interações a partir de grãos: vivências em uma turma da EJA

Contextualizing knowledge and interactions from grain: experiences in a class of EJA

Brena Conceição MEDEIROS⁽¹⁾; Káren Silva Carvalho CORREIA⁽²⁾

⁽¹⁾ Graduanda do curso de pedagogia; Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL: brena.temer@hotmail.com ; ⁽²⁾ Discente do curso de pedagogia; Universidade Estadual de Alagoas -UNEAL: karen_carvalho@hotmail.com

Resumo - O artigo é resultado de um projeto desenvolvido em uma turma de EJA e teve como temática contextualizar a partir das vivências dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos – EJA, os conhecimentos adquiridos com experiências vividas a partir do plantio dos grãos relacionando-os com a educação. Desenvolveu-se no projeto atividades com grãos onde os alunos pudessem se integrar melhor, propondo uma aprendizagem significativa, motivadora e contextualizada relacionando teoria e prática, através da qual possibilitou a turma uma dinâmica de interação e ajuda mútua dentro da sala de aula. A importância de analisar os contextos sociais nos quais a classe trabalhadora constrói sua história. A metodologia utilizada foi qualitativa valorizando as particularidades e experiências individuais dos sujeitos. O campo de observação e ação limitou-se a uma turma multisseriada do 1º Segmento da EJA, através de entrevistas e questionários. No processo de construção observou-se a relação de colaboração e troca de experiência nos relatos de cada sujeito.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Contexto social. Ensino-Aprendizagem.

Abstract - This article is the result of a project developed in a class of EJA and had as thematic contextualizing from the experiences of the subjects of education of young and adult-EJA, the knowledge acquired with experiences lived from the planting of Grains relating them to education. It developed in the project activities with grains where students could integrate better, proposing a meaningful, motivating and contextualized learning relating theory and practice, through which enabled the class. A dynamic of interaction and Mutual help within the classroom. That points to the importance of analyzing the social contexts in which the working class builds its history. The methodology used was qualitative valuing the individual characteristics and experiences of the subjects. The field of observation and action was limited to a Multi-serialized class of the 1st segment of EJA, through interviews and questionnaires. In the construction process, we observed the relationship of collaboration and exchange of experience in the reports of each subject.

keys- word: Youth and adult education. Social contexto. Teaching-learning.

Introdução

As discussões aqui realizadas foram resultados de observações e vivências em uma turma de EJA primeiro segmento, desenvolvidas a partir da disciplina “Teorias e práticas da Educação de Jovens e Adultos”, na Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, campus II. Contextualizando teorias a partir do processo histórico da Educação de Jovens e Adultos, o presente artigo aborda de forma ampla e restrita o contexto social e perfil dos sujeitos de EJA, discutindo ainda sobre a relação professor-aluno nessa modalidade.

A turma objeto de estudo, localizada na U.M.E Ronalço dos Anjos, no município de Pão de Açúcar – AL, no bairro Cohab, funciona no período noturno, em uma sala na qual atende nos turnos matutino e vespertino turmas de 2º e 4º ano do ensino fundamental regular.

A partir de diagnóstico através de questionário dirigido aos alunos e entrevista com a professora sobre o contexto social dos discentes, buscamos desenvolver atividades voltadas para as vivências daqueles sujeitos. Nessa perspectiva, procurou-se a partir de atividades lúdicas, porém não infantilizadas, fazendo uma relação com o contexto social de cada um. Através de atividades que integram o processo de ensino-aprendizagem, trabalhando através de vídeos e rodas de conversa com os discentes, sobre todo o processo de plantio dos grãos, buscamos promover uma oficina a partir de grãos já reconhecidos pelos discentes, no projeto pôde-se trabalhar a integração da turma e a coordenação motora daqueles que ainda apresentam essa dificuldade.

Breve histórico da educação de jovens e adultos

Abordando a Educação de Jovens e Adultos desde a sua origem no Brasil, nos remetemos à chegada dos portugueses ao Brasil e com eles a catequização dos índios pelos Jesuítas, que tinham como objetivo, não apenas passar conhecimentos escolares, mas a propagação de uma fé cristã através da leitura e escrita. Além da catequese, os indígenas aprendiam alguns trabalhos manuais que depois foram estendidos aos negros. Segundo Freire (2011), “a Educação de Jovens e Adultos não é recente no país e que, com a expulsão dos jesuítas ocorrida no século XVIII, desorganizou o ensino até então estabelecido.” Após a expulsão dos Jesuítas, o ensino ficou sob a responsabilidade do império.

A primeira Constituição Brasileira de 1824 garantia uma "instrução primária e gratuita para todos os cidadãos", no entanto apenas uma pequena parcela da população, aquela das elites econômicas eram atendidas, no início, época da colonização do Brasil, as poucas escolas existentes era pra privilégio das classes média e alta, nessas famílias os filhos possuíam acompanhamento escolar na infância; não havia a necessidade de uma alfabetização pra jovens e adultos, as classes pobres não tinham acesso a instrução escolar e quando a recebiam era de forma indireta, passando a responsabilidade de oferta da educação básica às Províncias, que, com poucos recursos, não podiam cumprir a lei, permanecendo sob a responsabilidade do governo Imperial a educação das elites. No Brasil, em 1890, 82% da população era considerada analfabeta, ou 28% da população alfabetizada.

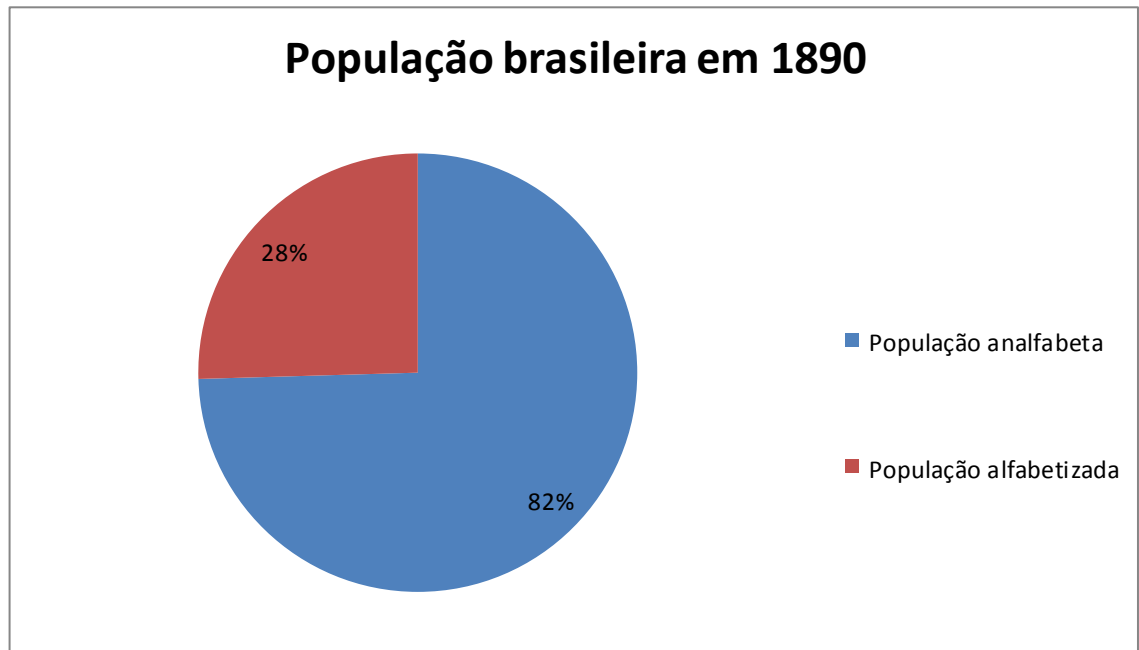


Figura 1. Dados sobre a população Brasileira em 1890.

Percebe-se que o ensino se dava de forma desigual para diferentes grupos e em diferentes tempos. Posteriormente, já na década da Revolução de 1930, com a perda da hegemonia dos cafeicultores e pela emergência da burguesia industrial brasileira, o único interesse do governo era alfabetizar as camadas baixas com o intuito de aprender ler e escrever para atender o desenvolvimento no processo de industrialização. O ensino era ofertado gratuitamente, tendo o estímulo do Governo Federal no qual, projetava diretrizes educacionais para todo o país, porém tinha curta duração e pouca qualidade. Em 1934, se estabelece a partir da constituição o dever do estado em relação ao ensino primário, integral, gratuito e de frequência obrigatória extensiva, inclusive aos adultos.

Com fim do Estado Novo e intensificação do capitalismo, em 1945, surgem novas exigências educacionais no intuito de aumentar o contingente eleitoral e de preparar mão-de-obra para o mercado industrial, sendo assim a educação de base ganha impulso implementada com os projetos de desenvolvimento que prevalecem no país.

Na década de 60, com o Golpe Militar, num período de crise da classe dominante, todos os movimentos de alfabetização que se vinculavam à ideia de fortalecimento de uma cultura popular foram reprimidos. Nesse período surgiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), programa do governo, com uma proposta de duração de 10 anos, perpassando seus 15 anos, o MOBRAL representava uma ação centralizadora de âmbito nacional, desvinculada do próprio ministério, sendo organizado através de comissões municipais responsáveis pela execução direta das atividades.

Em 1971, com a lei nº 5692/71 que trouxe a regulamentação da EJA, ainda no período da ditadura, representando a ampliação das oportunidades educacionais, que pela primeira vez, organizou o Ensino de Jovens e Adultos diferenciando do ensino regular, abordando a necessidade da formação de professores especificamente para essa modalidade.

No período pós-ditadura, com a alteração do Artigo 208 da constituição no qual definia que a oferta gratuita e obrigatória do ensino fundamental era para os que não tiveram acesso na idade própria, passou a ser suprimida pelo governo no qual manteve a gratuidade da educação pública de Jovens e Adultos, porém suprimiu a obrigatoriedade do poder público oferecê-lo.

Na década de 1990, a ALDB de 1996 passou a reforçar a Educação de Jovens e Adultos como uma educação de segunda classe, fomentando um duplo processo de exclusão da EJA, um construído historicamente pela descontinuidade e falta de compromisso com a modalidade ao longo da sua trajetória e o outro decorrente do processo de globalização e da forma excludente de apropriação das novas tecnologias e formas de trabalho.

Contexto social dos sujeitos que integram a turma objeto de estudo

A Educação de Jovens e Adultos em seu contexto histórico, sempre foi caracterizada como uma educação voltada para a classe popular, destinada a escolarização para a mão de obra, governada sob regimes elitistas, a escolarização ofertada às classes populares eram pautadas na manutenção da escolarização clientelista.

Em Alagoas até o final dos anos 80, a Educação de Jovens e Adultos continuou atrelada as campanhas federais que não se preocupavam com a continuidade dos estudos da população produtiva. De acordo com o censo do IBGE de 2009, Alagoas apresenta um percentual considerável de analfabetos funcionais no estado.

Amorim, Freitas e Moura (2009) apontam a falta de incentivo político e financeiro como meio pelo qual levou ao declínio a EJA, com a retirada da obrigatoriedade do ensino ficando apenas a oferta da gratuidade. Historicamente a educação se constituiu em cima de avanços e retrocessos.

A princípio a educação destinada aos jovens e adultos era dissociada da instituição escola, a educação nessa modalidade podia ser ofertada em qualquer salão ou garagem, posteriormente esta passou a integrar a educação regular. No entanto ainda hoje, alguns Programas de alfabetização, criados pelo governo federal mantém essa abertura com relação ao local e a formação dos docentes que neles atuam.

Na turma cenário de vivência, onde os sujeitos tem uma faixa etária entre 25 e 60 anos, constatou-se a partir de diagnóstico através de questionário dirigido aos alunos, a relação que esses sujeitos tem ou já tiveram com a agricultura. Levando em conta esse contexto procurou-se desenvolver atividades que aproximasse essa realidade vivida à sala de aula, valorizando os sujeitos que ali se encontram, bem como seus conhecimentos prévios.

Dentre os 17 componentes da turma fazem parte Senhoras e Senhores, Donas de casa, e Agricultores com histórias de vida variadas, histórias essas discutidas entre eles enquanto copiam os conteúdos passados pela professora. Nas conversas em sala de aula alguns alunos cogitam parar os estudos, uma aluna diz: *“eu também vou parar os estudos, não quero mais estudar não, vou ser burra mesmo”* outros colegas tentam reanimá-la *“não Maria¹, você não pode parar não! Você já está aprendendo seu nome”*. Outro aluno conta sobre sua trajetória escolar até onde estar, relatando sobre os motivos de não ter concluído os estudos na idade certa *“eu vivia com meu pai, morava aqui e ali, tive que trabalhar muito cedo e comecei a beber também muito cedo com 12 anos, casei com 15”*. Dessa forma, (HOBSBAWM 2002)

¹ Nome fictício.

aponta a importância de analisar os contextos sociais nos quais a classe trabalhadora constrói sua história.

Conforme alguns alunos vão terminando as atividades, vão ajudando os colegas que apresentam dificuldades, os discentes reclamam do tamanho das mesas e cadeiras, por não serem apropriadas a essa modalidade de ensino, depois de um dia de trabalho eles têm que se acomodar em carteiras muito pequenas, a sala encontra-se com pouca ventilação, contando apenas com duas janelas laterais além da pouca iluminação. Caracterizando o reflexo do descaso nacional que a Educação de Jovens e Adultos sofre.

A professora, após terminar de escrever no quadro, auxilia os estudantes que ainda apresentam dificuldades de escrita, pois a turma é mista (1º ao 4º ano) alguns alunos ainda não tem uma coordenação motora desenvolvida e estão aprendendo a fazer o próprio nome.

Observou-se na turma, um esforço por parte de todos, tanto dos alunos em aprender quanto da professora em buscar proporcionar atividades que ajude na construção de conhecimentos dos discentes.

Relação professor-aluno na educação de jovens e adultos

É importante na relação professor-aluno, um olhar voltado para esses sujeitos como pessoas capazes de construir seu próprio conhecimento levando em conta seus conhecimentos prévios, a partir da mediação do professor que deve procurar desconstruir o paradigma da Educação de Jovens e Adultos como fracassada. Baseando-se nos problemas reais é possível estabelecer um elo entre a realidade dos alunos e os conteúdos escolares, a partir da percepção do professor e o cuidado em desenvolver atividades que proporcione essa conexão.

Na turma onde se deu as observações e atividades, constatou-se através dos conteúdos analisados, a dissociação dos conteúdos com a realidade dos sujeitos, bem como a falta de um planejamento mais elaborado para o desenvolvimento das atividades. No entanto a relação pessoal professor-aluno se dá de forma harmoniosa, pautada no respeito. Os alunos e a professora estabelecem uma relação de respeito mútuo, o que facilita aprendizagem.

Essa boa relação entre professor-aluno acontece devido ao contexto histórico que cada sujeito carrega para sala de aula, onde segundo a coordenadora pedagógica geral do município *“Todos os matriculados são alunos que demonstraram interesse na EJA e procuraram as unidades de ensino por conta própria. Certamente são estudantes que estão em busca de melhorar suas competências como pessoas e, por isso, confiamos na assiduidade deles”*.

Tendo apenas o curso normal (Magistério) e cursos de formação continuada, a professora da turma consegue desenvolver suas atividades com firmeza e habilidade. Atuando na EJA há 16 anos, segundo a docente, apresenta-se como principal dificuldade com a turma, desenvolver atividades em uma turma multisseriada, pois as dificuldades com a leitura e a escrita de alguns, interfere no desenvolvimento das atividades uma vez que tem que atender a todos.

A escola proporciona a esses alunos, sala de informática, materiais didáticos disponíveis, porém este não é apropriado à modalidade da EJA, pois a maioria desses recursos é voltado ao universo infantil. A merenda escolar é servida em quantidade suficiente, aqueles que sentem a necessidade podem repetir. O horário de chegada e saída dos alunos, de acordo com a professora é um entrave para o desenvolvimento da aula, iniciando às 18:00h, de acordo com o horário da escola, no entanto esses os alunos só chegam as 19:00h. Percebe-se aí, a inadequação dos horários a modalidade.

A esse respeito entende-se que, nessa modalidade de ensino, deve haver uma flexibilidade e adaptação do horário atendendo as necessidades dos mesmos, conforme Art. 1º O art. 24 da [Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996](#), § 2º os sistemas de ensino disporão sobre a oferta de educação de jovens e adultos e de ensino noturno regular, adequado às condições do educando, conforme o inciso VI do art. 4º.” (NR).

Para que o sujeito venha ter uma trajetória escolar bem sucedida se faz necessário que o professor proporcione uma ligação dos conteúdos com o seu cotidiano como parte de um conjunto mais amplo de valores. Pautados nessas concepções procuramos integrar no desenvolvimento do projeto, no contexto escolar, aspectos do cotidiano dos educandos.

Levando em conta as vivências dos mesmos com a agricultura, procuramos desenvolver no projeto, atividades a partir de grãos onde os discentes pudessem se integrar melhor, relacionando teoria e prática. Para tal, as atividades se deram da seguinte maneira: introdução através de vídeo sobre a germinação e plantio de feijão e milho, posteriormente, em roda de conversa onde os sujeitos relataram suas vivências nos processos de plantio e colheita dos grãos.

A partir desse momento propusemos aos de 3º ao 5º a listagem das comidas derivadas do feijão e do milho, para que pudessem fazer posteriormente uma classificação das palavras da lista quanto ao número de sílabas, com relação ao assunto procuramos fazer uma retomada do conteúdo trabalhado anteriormente pela professora (classificação das palavras quanto ao número de sílabas), enquanto aos de 1º e 2º foi proposto o reconhecimento das vogais nas palavras listadas pelos demais. Figura 3.



Figura 3: Reconhecimento das vogais

Como forma de consolidação ao momento de interação entre esses sujeitos, foi proposto uma oficina de produção de quadros a partir de colagens com grãos. Figuras 4 e 5.



Figura 4: Produção de quadros



Figura 5: Quadro pronto

Pudemos observar neste Projeto pedagógico com as práticas lúdicas contribuíram no processo de ensino-aprendizagem, visto que os discentes podem vislumbrar e realizar atividades pedagógicas sem grandes desafios. Constatou-se que as aulas lúdicas estimularam o interesse e a participação dos alunos, com maior socialização, criando um bem estar e uma integração sem diferenciações de níveis de idade ou séries, já que a turma é multisseriada.

Considerações finais

Pudemos observar como as práticas lúdicas contribuíram no processo de ensino-aprendizagem, visto o contexto dos sujeitos da EJA. Nesse sentido identificamos como o professor deve levar em conta a contextualização e significação de sua aulas no processo de ressignificação da Educação de Jovens e Adultos, para que com isso os sujeitos sintam-se parte atuante da sociedade, compreendendo seu papel enquanto cidadão de direitos.

Com o propósito de atender essa necessidade da turma, procuramos aproximar as atividades práticas a realidade vivenciada pelos sujeitos. Constatou-se que as aulas lúdicas estimularam o interesse e a participação dos alunos, com maior socialização, criando um bem estar e uma integração sem diferenciações de níveis de escolaridades.

Foi notória a satisfação de muitos, principalmente daqueles com dificuldades de coordenação motora, pois conseguiram a partir das colagens propostas na atividade feita com grãos realizarem sozinhos seus trabalhos. Na de roda de conversa pudemos perceber o quanto os discentes sentiam-se valorizados e capazes, na atividade a turma se reconheceu como sujeitos da história, com propriedade para se colocarem, pois falar de plantio de grãos mais do que relembrar a infância e experiência de cada um, é propiciar um reconhecimento do importante papel que cada um deles desenvolve na sociedade.

Referências

AMORIM, Maria Gorete; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz; MOURA, Tania Maria de Melo. **A Educação de Jovens e Adultos em Alagoas: uma releitura das políticas e ações em âmbito governamental nas décadas de 1990 à 2000.** 2009

BRASIL. **LDBEN LEI Nº 9.394/96**. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm . Acesso em: 05 de Julho de 2017.

COMERLATO, Denise Maria. **500 Anos de Alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil**. Disponível em:

http://pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/eja/500_anos_de_alfabetiza%E7%E3o_de_jovens_e_adultos_no_brasil.pdf . Acesso em 30 de Junho de 2017.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Pedagogia do Oprimido**/ Paulo Freire. – 50. ed. rev. e atual.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HOBBSAWM, Eric. **Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária**. Tradução de Waldea Barcellos e Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

SILVA, Hellen Tânia Rodrigues da; MOURA, Tânia Mara Souza. **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA: DESAFIOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**. Disponível em

<<http://revista.univar.edu.br/index.php/interdisciplinar/article/view/53>> . Acesso em 20 set. 2018.